

**COISAS INOMINADAS OU PALAVRAS LIVRES  
DA GRAMÁTICA OU A INFÂNCIA DA LÍNGUA:  
O DESTECER LINGUÍSTICO  
NA OBRA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS**

*José Rosa dos Santos Júnior (UNEB/UFBA)*

[juliteratta@gmail.com](mailto:juliteratta@gmail.com)

*Lígia Guimarães Telles (UFBA)*

**RESUMO**

O trabalho que se segue objetiva empreender uma série de reflexões acerca da (des) estrutura linguística, forjada pelo poeta Manoel de Barros no bojo de sua obra poética. Octavio Paz, em *O arco e a lira* (1982), nos diz que a linguagem tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem. O poema transcende a linguagem. O poema é linguagem – linguagem antes de ser submetida à mutilação da prosa ou da conversação -, mas é, também, alguma coisa a mais. E esse algo mais é inexplicável pela linguagem, embora só possa ser alcançado por ela. Nascido da palavra, o poema desemboca em algo que a ultrapassa. A palavra poética é instauradora. Em Manoel de Barros, tal palavra encontra suas origens em plumagens e infâncias que dormem num caos a ser cosmificado. O vir a ser deste cosmos, no caso da linguagem, é, em si, a própria constituição da poesia. Não apenas na terra e na linguagem encontra Manoel de Barros fontes para sua poesia, as raízes da poesia manoelina estão nas infâncias geradoras da terra, da memória, das reminiscências, das miudezas gratuitas e da linguagem. Ancorado nos pressupostos teóricos de Bosi (2000), Nunes (1992), Cassirer (1992), Heidegger (1979), o trabalho que se segue intenta, ainda que de modo simbolicamente problemático, plasmar tais reflexões linguísticas por meio da análise de um modo especial de linguagem: a linguagem poética.

**Palavras-chave:** Poesia. Infância da língua. Manoel de Barros.

Por viver muitos anos dentro do mato  
moda ave  
O menino pegou um olhar de pássaro –  
Contraíu visão fontana.  
Por forma que ele enxergava as coisas  
por igual  
como os pássaros enxergam.  
As coisas todas inominadas.  
Água não era ainda a palavra água.  
Pedra não era ainda a palavra pedra.  
E tal.  
As palavras eram livres de gramáticas e  
podiam ficar em qualquer posição.  
Por forma que o menino podia inaugurar.  
Podia dar às pedras costumes de flor.  
Podia dar ao canto formato de sol.

E, se quisesse caber em uma abelha, era  
só abrir a palavra abelha e entrar dentro  
dela.

Como se fosse infância da língua.

(BARROS, 2004, p. 25)

Consideraria poético o arranjo de palavras em padrões que sintetizam, suscitam, ressuscitam, apresentam, criam, recriam o objeto; é poético o canto, a celebração, a encantação, a nomeação do objeto.

(FAUSTINO, 1976, p.62)

Bosi (2000) afirma, baseado no livro do *Gênesis*, que ao primeiro homem foi dado o poder de nomear:

Deus formou, pois, da terra toda sorte de animais campestres e de aves do céu e os conduziu ao homem para ver como ele os chamaria, e para que tal fosse o nome de todo animal vivo qual o homem lhe chamasse.

E o homem nomeou a todos os seres vivos, a todas as aves do céu, a todos os animais campestres. (*Gênesis*, 2, 19 – 20)

De acordo com Ernst Cassirer (1992), deve haver alguma função determinada, essencialmente inefável, que confere à Palavra este caráter distintivamente religioso, elevando-a desde o começo, à esfera religiosa, à esfera do “sagrado”. Nos relatos da criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como o instrumento utilizado por ele, quer diretamente como o fundamento primário de onde ele próprio, assim como toda existência e toda ordem de existência provêm. “Concebe-se Deus como um Ser espiritual, que pensou o mundo antes de criá-lo, e usou a Palavra como meio de expressão e como instrumento de criação”.<sup>74</sup> (CASSIRER, 1992, p. 65)

A capacidade de nomear denotava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o alicerce da linguagem e, por extensão, o fundamento da poesia. O poeta é um doador de sentidos. É com propriedade que Mallarmé *apud* Friedrich (1992, p. 52) afirmou que “há na palavra algo de sagrado que nos impede de fazer dela um jogo de azar. Manejar com engenho uma língua significa exercer uma espécie de magia evocadora”.

---

<sup>74</sup> Corroborando com tal ideia Octavio Paz, citado por Perrone-Moisés (1990, p. 109), afirma: “a palavra não só diz o mundo, mas também o funda – ou o transforma”.

Quanto ao poema acima citado, a visão de pássaro simboliza, aí, um olhar radicalmente “outro” das coisas, mas de um outro que somos nós mesmos no que temos de mais “original” e “primordial”<sup>75</sup>. O menino-pássaro, instaurado na linguagem poética pela visão (madura e diferenciada) do eu lírico, é efetivamente a visão poética, aquela que nos coloca “na clareira do ser”, como afirma Heidegger. E ainda segundo Heidegger *apud* Benedito Nunes (1992, p. 249), “a arte é uma consagração e um abrigo, por onde o real dispensa ao homem o seu brilho até então escondido, para que, numa tal claridade, possa ver, de maneira mais pura, e ouvir, mais distintamente, o que fala à sua essência”.

Segundo Nunes (1992), mais diretamente do que qualquer outra arte, a poesia participa, pela palavra, que constitui a sua matéria, do trabalho preliminar e mais primitivo do pensamento, como obra da linguagem. A poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um *poieîn*, como um *produce-re*, ponto de irrupção do ser na linguagem, que acede à palavra, e, portanto, também de interseção da linguagem com o pensamento. Nunes, evocando Heidegger, nos diz que todas as “outras artes só se produzem quando já se produziu a *clareira* pela “poesia primordial” da linguagem. A língua é a poesia originária em que um povo poetiza o ser” (HEIDEGGER *apud* NUNES, 1992, p. 261). Ainda de acordo com Nunes:

A poesia celebra e comemora. Celebração do *sagrado*, que atende ao seu apelo, e comemoração das divindades ausentes, a poesia manifesta o *páthos* do sofrimento, mas também da alegria e da esperança – que abre através da palavra nomeadora. A palavra que funda, celebrando e recordando, é o canto no jogo da linguagem, que separa o pensamento, como pensamento do ser, da poesia como nomeação das coisas. (NUNES, 1992, p. 275)

No entanto, compreendemos todos, a poesia há muito – e, sobretudo no mundo moderno e na contemporaneidade – já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo. A extrema divisão do trabalho manual e intelectual, a ciência e, mais do que esta, os discursos ideológicos e as faixas domesticadas do senso comum preenchem hoje o imenso vazio deixado pelas mitologias. É a ideologia dominante que impõe em larga escala, hoje, nome e sentido às coisas. Sobre esta temática, Bosi acredita que:

---

<sup>75</sup> Esse “outro” que somos nós mesmos, mas que precisa ser alcançado (como se estivesse separado de nós, sendo, portanto, uma dimensão sagrada), manifesta-se em poesia, segundo Octavio Paz (1993), como uma “outra voz”. Neste sentido, toda manifestação poética instaura o sagrado. Em Manoel de Barros isso é central, é predominante.

Furtou-se à vontade mitopoética aquele poder originário de nomear, de compreender a natureza e os homens, poder de suplência e de união. As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status. Os tempos foram ficando (...) egoístas e abstratos. “Sociedade de consumo” é apenas um aspecto (o mais vistoso, talvez) dessa teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam “desenvolvimento” (ah! poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como “preço do progresso”. (BOSI, 2000, p. 164-165)

Quanto à poesia, parece condenada a dizer apenas aqueles resquílios de paisagem, de reminiscências e de devaneio que a indústria cultural ainda não conseguiu manusear para vender. A publicidade só “autoriza” o que dá lucro: a representação do sexo, por exemplo.

Octavio Paz, em *O Arco e a Lira* (1982), nos diz que a linguagem tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem. O poema transcende a linguagem. O poema é linguagem – linguagem antes de ser submetida à mutilação da prosa ou da conversação -, mas é também alguma coisa a mais. E esse algo mais é inexplicável pela linguagem, embora só possa ser alcançado por ela. Nascido da palavra, o poema desemboca em algo que a ultrapassa. Segundo Heidegger (1979, p. 51):

O pensamento dócil à voz do ser, procura encontrar-lhe a palavra através da qual a verdade do ser chegue à linguagem. Apenas quando a linguagem do homem historial emana da palavra, está ela inserida no destino que lhe foi traçado. Atingido porém este equilíbrio em seu destino, então lhe acena a garantia da voz silenciosa de ocultas fontes. O pensamento do ser protege a palavra e cumpre nesta solicitude seu destino. Este é o cuidado pelo uso da linguagem. O dizer do pensamento vem do silêncio longamente guardado e da cuidadosa clarificação do âmbito nele aberto. De igual origem é o nomear do poeta. Mas, pelo fato de o igual somente ser igual enquanto é distinto, e o poeta e o pensar terem a mais pura igualdade no cuidado da palavra, estão ambos, ao mesmo tempo, maximamente separados em sua essência. O pensador diz o ser. O poeta nomeia o sagrado.

Ernst Cassirer afirma, em *Linguagem e Mito* (1992), que a moderna ciência linguística, em seu esforço para iluminar a “origem” da linguagem, também recorreu muitas vezes ao aforismo de Hamann, segundo o qual a poesia é a “língua materna da humanidade”. Afirmo também que tal ciência acentuou que a linguagem tem suas raízes, não no lado prosaico, mas sim no lado poético da vida e que, por conseguinte, seu fundamento último não deve ser procurado no abandono à percepção objetiva das coisas, nem em sua classificação segundo determinadas notas características, mas sim no primitivo poder do sentimento subjetivo.

Assim sendo, a comunhão íntima com a terra e a busca pela palavra em seu nascedouro, o “feto do verbo” – como se lê em um de seus versos –, confere à poesia de Manoel de Barros um caráter cosmogônico. O retorno, o regresso às origens é responsável pelo vir a ser de seus objetos poéticos. É notório que Manoel de Barros consegue alcançar devidamente a percepção da realidade objetiva, captando-a primeiro, não em conceitos lógicos, mas em imagens míticas claras e bem delimitadas entre si. O desenvolvimento da linguagem, nesta poética, parece ser análogo, sob certos aspectos, ao desenvolvimento do perceber e do pensar míticos.

A palavra poética é instauradora. Em Manoel de Barros, encontra suas origens em plumagens e infâncias que dormem num caos a ser cosmi-ficado. O vir a ser deste cosmos, no caso da linguagem, é, em si, a própria constituição da poesia. Não apenas na terra e na linguagem encontra Manoel de Barros fontes para sua poesia. As raízes da poesia man-uelina estão nas infâncias geradoras da terra, da memória, das reminis-cências, das miudezas gratuitas e da linguagem, como veremos no texto a seguir:

Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que eu não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular do muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e suas árvores. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2008, p. 11)

Tais infâncias são um manancial de imaginação e criatividade; são cósmicas, pois estão sob o signo do encantamento. Na busca pelo berço nascedouro das palavras e de todo um cosmos, uma ontologia poética transpõe os limites da lógica para encantar as coisas – e trazê-las ao ser. Assim, a lógica pragmática instaurada pelo mundo é posta abaixo. Valem

agora as possibilidades infinitas da terra, que são também possibilidades da linguagem. O útil e prático sofrem mudanças, são descartados.

A poética de Manoel de Barros explora o efeito poético latente dentro das inutilidades, dentro até mesmo do nada. A utilidade canônica das coisas é desabilitada diante da reinauguração de sentido do inútil. Em *Matéria de Poesia*, de 1999, pode-se ler o seguinte verso: “As coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 1999, p. 18). Em oposição à noção de cultura levada em conta como bem de consumo, é lícito afirmar que as “desimportâncias” compõem o capital poético de Manoel de Barros. No mesmo poema do qual se extraiu o verso citado, pode-se ler: “Tudo aquilo que a nossa/ Civilização rejeita, pisa e mija em cima/ Serve para poesia”. (BARROS, 1999, p. 17)

É exemplar o modo como a poesia de Manoel de Barros se mantém fiel às forças germinativas da terra. Desde seu primeiro livro, *Poemas Concebidos sem Pecado*, de 1937, até o mais recente, não há fuga da terra, do campo, do primitivo para privilegiar e celebrar as formas de vida mais modernas. Manoel de Barros encontra seu lugar no panorama literário brasileiro na medida em que se diferencia dos demais poetas. Sua identidade, portanto, é com a terra, é com o ínfimo, com as insignificâncias, com o nada poético.

Assim, o que ampara a encantamento de um verso (além do ritmo) é o ilogismo, ensina Manoel de Barros. A arte desse ilogismo – que usa a lógica em benefício da poesia ocorre no território que lhe é apropriado, um espaço sagrado escolhido pelo poeta, num pantanal imaginário, calcado num pantanal concreto, onde mora o cidadão Manoel. É em terras pantaneiras que Manoel de Barros faz da natureza a sua casa, o seu santuário, a sua cosmogonia e a sua residência poética.

Esse pantanal está na (é a) linguagem poética. Heidegger disse: “A linguagem é a morada do ser. Cabe ao poeta e ao filósofo tomar conta dessa morada”. Vejamos:

Cantar e pensar são os dois troncos vizinhos do ato poético”. Mas esses troncos vizinhos são árvores da mesma floresta da linguagem – da linguagem que se essencializa como dizer e que, dizendo, mostra. “O que se essencializa na linguagem é o dizer como mostrar”. Tudo começa e termina na linguagem, o *tópos* por excelência do ser, em que se abastecem os poetas e os pensadores,

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

e em torno do qual eles convergem no caminho de retorno ao país natal, à residência poética.<sup>76</sup> (NUNES, 1992, p. 278)

Esse inventivo poeta, que interrompe o fluxo do tempo e submerge no estado atemporal do mito, resgata simbolicamente os instantes primordiais da invenção do mundo, quando as coisas ainda não tinham nome<sup>77</sup>. Recompõe estrategicamente um universo que se aproxima da criança, longe da linguagem adulta estabelecida, para enxergar as coisas por igual<sup>78</sup> como os pássaros enxergam. Nesse instante especial, o mundo acaba de ser criado, está em festa de inauguração. O poeta restabelece o poder e a magia da linguagem, normalmente condicionada pelas leis da gramática e pelo automatismo do uso cotidiano, que unilateralizam a maneira de apresentar e de dizer a realidade. Vejamos:

Levei o Rosa na beira dos pássaros que fica no  
Meio da Ilha Linguística.  
Rosa gostava muito de frases em que entrassem  
Pássaros.  
E fez uma na hora:  
A tarde está verde no olho das garças.  
E completou com Job:  
Sabedoria se tira das coisas que não existem.  
A tarde verde no olho das garças não existia  
Mas era fonte do ser.  
Era poesia.  
Era o néctar do ser.  
Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras.  
Veja a palavra bunda, Manoel  
Ela tem um bonito corpo fônico além do  
Propriamente.  
Apresentei-lhe a palavra gravanha.  
Por instinto linguístico achou que gravanha seria  
Um lugar entrelaçado de espinhos e bem  
Emprenhado de filhotes de gravatá por baixo.  
E era.  
O que resta de grandezas para nós são os

---

<sup>76</sup> “O que se diz na poesia e o que se diz no pensamento não são nunca o mesmo. Porém tanto uma quanto o outro podem dizer o mesmo de diferentes maneiras. Isso não se verifica senão quando o abismo que os separa permanece aberto, na medida em que o poeta é alto e o pensar é profundo”. (HEIDEGGER *apud* NUNES, 1992, p. 280)

<sup>77</sup> Na verdade, se o mundo é um conceito (um construto), então esse instante primordial é - simbolicamente falando - aquele em que se está dando o processo primeiro de nomeação. O poeta nomeia sempre de forma inaugural, como se pela primeira vez.

<sup>78</sup> Este “por igual”, no poema, é, paradoxalmente, sinônimo de diferenciado, já que aponta para uma visão radicalmente outra: mais que a de uma criança, a de um pássaro.

Desconheceres – completou.  
Para enxergar as coisas sem feito é preciso  
Não saber nada.  
É preciso entrar em estado de árvore.  
É preciso entrar em estado de palavra.  
Só quem está em estado de palavra pode  
Enxergar as coisas sem feito.

(BARROS, 1998, p.33 – 35)

Vemos claramente no poema acima a analogia entre a voz do eu-lírico e a do grande prosador da língua portuguesa, Guimarães Rosa. Não é por acaso que o mesmo é convidado a passear pela “Ilha Linguística”. Guimarães Rosa com um estilo “*in opere*, incoagulável, reinventando-se em incessante dinâmica, fizera explodir a linguagem consuetudinária, desarticulando a sintaxe tradicional, subvertendo a semântica dicionarizada”. (COUTINHO, 2004, p. 476). Ainda de acordo com Coutinho (2004), a prosa rosiana pelas suas feições sonoras, geradas pelo uso das aliterações, coliterações, assonâncias, relações homofônicas, em síntese, pela sua *symphonic structure*, oferece ao crítico um amplíssimo campo a ser devassado. Características essas que em muito se assemelham ao poeta em questão.

De acordo com Silva (2009), o poeta pantaneiro leva ao máximo a função de, na sua poesia, promover “o arejamento das palavras para que elas não morram a morte por fórmulas ou por lugares-comuns” (BARROS, 1990, p. 310). Para tal, ele faz referência, em *Retrato do artista quando coisa*, a uma *Ilha Linguística*, “onde poderia germinar um idioteleto” (BARROS, 1998, p. 29). Esse “lugar isolado”, como o poeta afirma, é o espaço da poesia, é o universo próprio e muito singular que ele cria para “entrar em estado de palavra” e “enxergar as coisas sem feito” (BARROS, 1998, p. 35), as coisas do chão. Silva (2009, p. 546), ainda afirma:

Nesse empreendimento de reinvenção da linguagem, Rosa é, sem dúvida, o escritor de quem mais Manoel de Barros se aproxima. E o pantaneiro chama a atenção, ainda, para o fato de Rosa provocar erosões morfológicas e semânticas nas palavras, de aparar-lhes as margens, de ficar, como ele, em “estado de palavra”, de gostar do “corpo fônico” delas. Mais que isso: ao rememorar, em entrevista, uma conversa com o escritor mineiro, convida-o sorratamente: “Temos que enlouquecer o verbo, adoecê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza. Humanizá-la” (BARROS, 1990, p. 34). E é isso o que se vê: um verbo enlouquecido, adoecido de Manoel, adoecido de Rosa, transfigurando a natureza a ponto de humanizá-la e alimentando uma semente genética que deságua sempre “nessa esquisita coisa de ter orgasmo com as palavras”. (BARROS, 1990, p. 331)

Por outro lado, ao construir um tecido poético denso de sentidos, Manoel de Barros afasta-se do lugar-comum e, de um modo quase religioso, busca recuperar a pureza da linguagem, que remete a um tempo primordial:

Carrego meus primórdios num andar.  
Minha voz tem um vício de fontes.  
Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancamento das palavras.  
Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas  
mãos.  
Quando a criança garatuja o verbo para falar o  
que não tem.  
Pegar o estame do som.  
Ser a voz de um lagarto escurecido.  
Abrir um descortínio para o arcano.

(BARROS, 1998, p.43)

Este poema apresenta um dos sentidos básicos da postura vanguardista de Manoel de Barros: o antiprogresso, o avançar para o começo, o eterno retorno às origens, simultaneamente achadas e perdidas na linguagem poética. Descortinar o sagrado; velar revelando; revelar velando. Na poesia, *o religare* não se dá na relação do homem com a divindade, mas do homem com o homem e com a natureza.

Para atingir o “criancamento” das palavras é preciso desaprender o que os padrões nos ensinam, desconstruir o que foi aprendido, para chegar ao inominado, ao estado “coisal”, para em seguida iniciar uma nova cosmogonia, inaugurar uma nova vivência, reinventando os modos arcaicos de expressão, densos de poesia e sacralidade. Afinal, “a poesia é sempre a manifestação simbólica de uma linguagem primeira” (PERREYR, 2000, p. 32). E ainda segundo Heidegger *apud* Nunes. (1992, p. 267):

As palavras não são simples vocábulos, assim como baldes e barris dos quais extraímos um conteúdo existente. Elas são antes mananciais que o dizer perfura, mananciais que têm que ser encontrados e perfurados de novo, fáceis de obturar, mas que, de repente, brotam de onde menos se espera. Sem o retorno sempre renovado aos mananciais, permanecem vazios os baldes e os barris, ou têm, no mínimo, seu conteúdo estancado.

A poética em questão efetua surpreendentemente, ainda que me-

diante uma descoberta formal básica, esse retorno sempre renovado<sup>79</sup>. Manoel de Barros é o poeta que perfura os mananciais, tomando os vocábulos como palavras dizentes. Seu caminho vai além das palavras; ele caminha entre elas, de uma a outra, escutando-as e fazendo-as falar. É a nomeação que leva a coisa a ser coisa e a integrar na dimensão do ser. Palavras e coisas nascem juntas. “É nomeando que a poesia funda, pela palavra e na palavra o que permanece”. (HEIDEGGER *apud* NUNES, 1992, p. 267)

Ao fundar aquilo que permanece, “a poesia revela a essência<sup>80</sup> humana – a concreta finitude do homem como ser no mundo (...). A palavra poética dimensiona o mundo e o próprio homem”. (NUNES, 1992, p. 268). Assim, podemos afirmar que nenhuma coisa existe onde a palavra falta. Onde a palavra falta não há desvelamento. Dessa necessidade, dessa precisão a que o poeta se torna fiel, da qual provém o apelo da linguagem, partindo da mesma fonte que mobiliza o pensamento, nasce a palavra poética fundadora. Observemos:

A fundação do ser, na palavra poética que nomeia, tem por fundo uma abertura primordial que, digamo-lo assim, atravessa *diametralmente* a clareira, mantendo o entrelace das duas regiões – a dos homens e a dos deuses, a dos mortais e a dos imortais. A poesia dimensiona esse espaço de confronto, dimensionando o homem e o mundo em que reside (...). Reveladora do homem a si mesmo, a poesia lembra, rememora a origem, e mantém o aberto como o lugar do humano – a terra como espaço de encontro e de confronto entre os mortais e os imortais (...). Quando o poeta diz “na terra”, também diz “sob o céu”. Já a sua fala, o seu discurso, mostra aquilo sobre o que se pronuncia. É um dizer desvelante. (...). (NUNES, 1992, p. 270-1)

De acordo com Heidegger (2006), o homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem. Talvez seja o modo de o homem lidar com esse assenhoramento que impele o seu ser para a via da estranheza. É sa-

---

<sup>79</sup> Do ponto de vista estrutural, isto é, da engenharia poética, a poesia de Manoel de Barros apresenta uma forma básica, a saber: versos isolados por ponto (versos quase sempre afirmativos). Sua surpresa consiste em repetir achados análogos, nas distintas, nas diversas abordagens que faz do real.

<sup>80</sup> Corroborando com essa ideia, Julio Cortázar afirma: “... o nosso poeta, mago ontológico, lança sua poesia (ação sagrada) em direção às essências que lhe são especificamente alheias, para se apropriar delas. Poesia é vontade de posse, é posse. O poeta agrega ao seu ser as essências do que canta: canta por isso e para isso. A vontade de poderio fátual do mago sucede a vontade de posse ontológica. Ser, e ser mais que um homem; ser todos os graus possíveis de essência...”. (CORTÁZAR, 2011, p. 101)

lutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos contribuir para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro.

Deste modo, encontramos na poesia de Manoel de Barros uma forma especial de depurar a linguagem, com vista à renovação dos processos poéticos, pela constante “desaprendizagem” das fórmulas e dos clichês, o que possibilita o desenvolvimento da língua, beneficiada pela eficácia da linguagem poética que serve para clarificar e enriquecer o idioma.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado*. Rio de Janeiro: Record, 1937.

\_\_\_\_\_. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ iluminuras de Martha Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: Era Modernista*. São Paulo: Global, 2004.

FAUSTINO, Mário. *Poesia – experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica: os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carnei-

ro Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2006.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1992.

PAZ, Octavio. A imagem. In: \_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. Trad.: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Trad.: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PEREYR, Roberval Alves. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

PEREYR, Roberval Alves. Unidade primordial da lírica moderna: o tumultuado aflorar de uma linguagem esquecida. In: \_\_\_\_\_. *Rotas & Imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: sem margens com as palavras. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, vol. 19, n. 7/8, p. 541-550, jul./ago. 2009.